

# Por que votar na esquerda

Rosa M. O. Fontes \*

**F**aço parte de uma minoria privilegiada desse imenso Brasil. Dou-me ao luxo de escolher o tipo de dieta alimentar que considero mais saudável, tenho um apartamento grande, bem mobiliado e confortável, dirijo um Santana novo e nunca me senti limitada, em termos financeiros, para satisfazer meus anseios de consumo. A tão falada crise brasileira não tem conseguido afetar substancialmente meu estilo de vida. Se não ganho com a inflação, como alguns empresários e banqueiros, também não perco muito com ela, graças à poupança e à conta remunerada. E a continuidade do atual estado de coisas no Brasil provavelmente não conseguirá afetar muito o meu estilo de vida futuro.

Por que, então, pessoas como eu votarão num candidato de esquerda? Ideologia? Não. Não sou xiita de esquerda; muito pelo contrário, aprecio bastante o regime capitalista. Liberdade é um conceito importante no meu vocabulário, e num sistema econômico a liberdade se manifesta através da economia de mercado e da competitividade. Não faz nem sentido depreciar o sistema capitalista numa época em que o próprio mundo socialista dá passos vigorosos e significativos em direção aos dogmas do capitalismo!

Mas o capitalismo que defendo não é o dos grandes contrastes, da pobreza e da fome, caracterizado pela impunidade, corrupção e fisiologismo da classe dominante. Acima da crença que tenho num capitalismo de remunerações justas e apropriadas para todos os fatores produtivos, onde a economia de mercado gera maior eficiência econômica e a competitividade gera maiores benefícios para os consumidores, creio na *justiça social*. E não é justa a enorme concentração

de renda observada no Brasil de hoje.

Não é justo que crianças morram de fome. Não é justo que uma senhora que ganha 300 cruzados novos por mês morra de infarte, na porta de uma escola particular, ao saber que sua filha foi expulsa por atrasos no pagamento da mensalidade. Não é justo que pessoas morrem em lugares tão miseráveis e sem segurança de vida. Enquanto nós, da classe média, temos tanta paranóia de segurança — com receio de termos nossos carros e videocassetes roubados —, milhões de “novos-republicanos” dessa república não têm segurança de vida!

---

*“Não votarei num candidato de esquerda por ideologia. Aprecio o regime capitalista. Mas, o capitalismo sem contrastes.”*

---

Nós, da classe média, que fazemos gozações a respeito dos “sem-terra” e dizemos que também somos “sem-banco” e “sem-empresa” esquecemo-nos de que quando não se tem a estabilidade de um emprego, de uma renda, negócio ou comércio e não se tem *nem mesmo um pedacinho de terra*, não se come.

Acho que muitas pessoas estão se sentindo como eu nesse momento. Elas não querem mais fazer parte de uma pequena minoria e gostariam que os milhões de “novos-republicanos” tivessem também acesso aos “prazeres do capitalismo”.

Os candidatos de direita que aí estão — Collor, Maluf, Afif e Caiado — defendem interesses incompatíveis com os interesses desses milhões de “sem nada” desse imenso Brasil. Eles só entraram nessa luta com a motivação de defender os interesses dos “com-terra”, “com-bancos”, “com-empresas” e “com-dinheiro”.

É ilusório e simplista pensar que o próximo governo, por muito social, competente e íntegro que seja, será capaz de acabar com todas as nossas “novas-repúblicas”. Mas o primeiro passo tem que ser dado, e só um governo de cunho eminentemente *social* terá a energia e a motivação necessárias para iniciar a jornada nessa direção.

Acho que a canalização de votos da maioria dos empresários, comerciantes e profissionais liberais para Collor, Maluf, Afif e Caiado reflete o fato de eles não estarem ansiosos por grandes mudanças nas atuais regras do jogo. Afinal, sendo esse um grupo de pessoas vivas e inteligentes, fica difícil acreditar que estejam sendo enganados pelos demagógicos discursos dos candidatos de direita. Conclui-se, pois, que é um jogo de interesses.

O que me deixa realmente triste é ver pessoas das classes mais pobres pensando em votar nesses candidatos de direita. São exatamente os que menos farão por eles! Nesse caso, prevalece o marketing do “minha gente”, “presidente competente”, “não me deixem só”, “vou acabar com os marajás” (como se ele próprio não fosse um deles...), valendo-se da simploriedade das pessoas. Mas eu ainda acredito muito na capacidade de as pessoas captarem o *essencial*, aquilo que se esconde por trás de todas as aparências.

---

\* PhD pela North Carolina State University, EUA, professora-adjunta do Departamento de Economia da UFV